

A FORMAÇÃO DOCENTE NO OLHAR DE GERAÇÕES DE PROFESSORES

Neoclesia Chenet - CE/UFSM

Valeska Fortes de Oliveira – CE/UFSM

Resumo: O projeto de pesquisa foi desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria. A partir dos estudos que conceituam geração como grupo de pessoas que viveu em determinado período de tempo, utilizei o termo geração universitária docente, para referir-me ao período de tempo (década) em que o docente iniciou o exercício profissional no ensino superior, trazendo as continuidades e descontinuidades presentes na sua formação. As décadas de 70, 80 e 90 correspondem aos períodos de ingresso dos sujeitos na docência universitária no Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria-RS. Como questão de pesquisa: as representações que os docentes do ensino superior de diferentes gerações construíram em relação à formação, ao lugar social do professor e as condições de trabalho nos diversos espaços e tempos formativos sinalizando para a condição docente, entendida como as condições que dão configuração a profissão professor. Como objetivos busquei conhecer os processos de formação de docentes que viveram em espaços e tempos distintos, assim como as representações que os docentes de três gerações construíram em relação ao lugar social do professor e as transformações nas condições de trabalho. Para isso, escolhi a narrativa oral utilizando a entrevista semi-estruturada como instrumento para a produção de dados. Os sujeitos da pesquisa são três professores do Centro de Educação com ingresso nos três períodos mencionados acima. As histórias de vida de professores que perpassam épocas e viveram períodos históricos diferenciados trazem para os contextos as experiências docentes singulares decorrentes do momento social, político, econômico, cultural em que se desenvolveu a formação. Ter conhecido a cultura que se fez presente em cada época formativa e período de atuação sustentou a fundamentação com base em fatores que produziram esse sujeito do qual falamos, os saberes construídos, as representações imaginárias e os espaços de formação. Inserido em espaços formativos e de produção de conhecimento, o professor gerou uma cultura singular àquele período e também produziu marcas em sua vida e nas gerações posteriores. O diálogo com as gerações universitárias evidenciou as diversas experiências produzidas nas inter-relações, como também o conhecimento, as singularidades e as mudanças percebidas pelos sujeitos no espaço da docência superior e na sua trajetória formativa. As representações imaginárias que esses atores históricos, professores de diferentes gerações, construíram em relação ao sujeito professor e a sua condição docente, possibilitou a compreensão dos processos constitutivos da trajetória docente no ensino superior pelo olhar de si e evidenciou um corpo de saberes em relação a períodos históricos distintos.

Discutir a formação de professores em meio à complexidade das mudanças sócio-culturais e econômicas do nosso tempo requer sensibilidade e paciência. Tarefa esta que exige do pesquisador saber dialogar com o outro e consigo mesmo. “Reconhecer-se, a si mesmo, como sujeito da história pode ser mais complicado e penoso do que tentar reconhecer o outro sob o mesmo aspecto. Contudo, não há verdadeiro reconhecimento de si e do outro senão por essa passagem pessoal e intransferível”. (REIGOTA, 2003, p.10)

Perceber os sujeitos que compõem os espaços educacionais e os saberes produzidos por eles possibilita a compreensão dos processos de constituição da docência e, assim, falar das formas de atuação profissional a partir dos referenciais que as constituíram, enquanto processo histórico permeado por mudanças sociais, políticas, atitudinais e emocionais. Conhecer a cultura e os saberes que professores de diferentes gerações mobilizaram para sua construção como docentes, vivenciando momentos e experiências diversas e os fatos sociais que marcaram estes períodos, poderão produzir material para compreender as ações que permeiam muitas práticas docentes. Para Pimenta (2002) a identidade profissional também se

constrói pelo sentido que o professor confere a sua atividade profissional, as suas experiências, às angústias, às conquistas e ao significado que atribui à docência.

No intuito de aceitar o desafio de produzir uma compreensão em relação ao trabalho desenvolvido pelos professores nos espaços de atuação profissional, desenvolvi o projeto de pesquisa “a condição docente no olhar de três gerações de professores formadores”. Elenquei como questão de pesquisa: quais as representações¹ que os docentes do ensino superior de diferentes gerações construíram em relação à formação, ao lugar social do professor e as condições de trabalho nos diversos espaços e tempos de formação, sinalizando para a condição docente².

As histórias de vida de professores que perpassam épocas e viveram períodos históricos diferenciados trazem para os contextos as experiências docentes singulares decorrentes do momento social, político, econômico, cultural em que se desenvolveu a formação e também evidenciam as estruturas das instituições sociais. A organização das estruturas caracteriza determinados períodos históricos que influenciaram na construção de referenciais educacionais, de modelos formativos e possibilitaram a vivência docente desses diversos momentos. O estudo com professores que viveram esses diversos momentos históricos e que atuam na formação inicial traz as marcas formativas decorrentes do contexto históricos, as representações que estes docentes construíram no decorrer de sua trajetória e as transformações ocorridas no campo educacional e do contexto como um todo.

O conceito de geração que abordei nesta pesquisa não está ligado a caracteres biológicos e/ou familiares, tem sim um cunho histórico-social, datado em determinado período cronológico. A compreensão que perpassará esse trabalho com enfoque nas gerações de professores terá como base um determinado período de tempo e espaço, momentos culturais, políticos, profissionais singulares e inseridos em espaços sociais coletivos. A geração refere-se a um grupo de pessoas que em período datado e localizado viveram experiências semelhantes.

A partir dos estudos que conceituam geração como grupo de pessoas que viveu em determinado período de tempo, utilizei na pesquisa o termo geração universitária docente, esta se refere ao período de tempo (década) em que o docente iniciou o exercício profissional no ensino superior, trazendo as continuidades e descontinuidades desses períodos. Sendo as décadas de 70, 80 e 90 como períodos de ingresso dos sujeitos na docência universitária no

¹ As representações dos professores referem-se à dimensão dos sentidos e significados construídos individual e socialmente – no campo do simbólico, do imaginário.

² Condições materiais e simbólicas que dão configuração à profissão de professor.

Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria-RS. Esses três períodos de tempo têm características marcantes historicamente. A década de 70, marcada pela Ditadura Militar e a repressão a qualquer manifestação contrária ao governo. Na década de 80, há uma maior abertura de expressão com o fim da Ditadura, maior democratização do ensino e dos espaços formativos, como também reorganização dos movimentos sociais no sentido da reestruturação das instituições da sociedade. Na década de 90, tem-se uma formação voltada para o desenvolvimento de um olhar mais crítico, reflexivo e a busca de uma autoformação como condição para a qualificação profissional e a qualidade da educação. Ao mesmo tempo, o contexto social coloca inúmeros desafios à formação e aos espaços formais de ensino.

As entrevistas foram realizadas com três professores formadores no espaço do Centro de Educação da UFSM, sendo um docente de cada geração universitária. Pela pesquisa no Currículo Lattes na Plataforma do CNPq, verificou-se o período de inserção dos professores neste espaço, posteriormente foi feito um agrupamento por geração de ingresso no ensino superior, e se estes ainda encontravam-se atuando no momento da realização da pesquisa em 2006.

O enfoque nas três gerações de professores busca as representações desses sujeitos em relação a sua condição docente, tendo como pontos de análise a formação, o lugar social do professor e as condições de trabalho. O que poderá nos apresentar um panorama da construção do ser professor a partir do viés daqueles que vivenciaram esses períodos históricos e cronológicos, com suas repercussões formativas e influências na formação continuada e de gerações posteriores.

Não sabemos nada sobre a Grécia, se não soubermos o que os gregos sabiam, pensavam e sentiam a respeito de si mesmos. Mas, evidentemente, existem coisas igualmente importantes, concernentes à Grécia, que os gregos não sabiam e nem poderiam saber. Podemos vê-los – porém a partir do nosso lugar e por intermédio deste lugar. E ver, é isso mesmo. Nunca verei nada de todos os lugares possíveis ao mesmo tempo; cada vez, vejo de um determinado lugar, vejo um “aspecto”, e vejo numa “perspectiva”. E *eu* vejo significa eu vejo *porque* eu sou eu, e não vejo somente com os meus olhos; quando vejo alguma coisa toda a minha vida aí está, encarnada nesta visão, nesse ato de ver. Tudo isso não é uma “falha” da nossa visão, é a visão. (CASTORIADIS, 1982, p. 53-54)

Para abordar a formação, as condições de trabalho e o lugar social do professor, escolhemos as entrevistas orais semi-estruturadas, com um roteiro guia que pode ser flexibilizado dependendo do andamento da entrevista. As entrevistas foram realizadas com a utilização do gravador, transcritas para análise e com autorização de uso do material na pesquisa e trabalhos dela decorrentes. Szymanski destaca que a

a entrevista também se torna um momento de organização de idéias e de construção de um discurso para um interlocutor, o que já caracteriza o caráter de recorte da experiência e reafirma a situação de interação como geradora de um discurso particularizado. Esse processo interativo complexo tem um caráter reflexivo, num intercâmbio contínuo entre significados e o sistema de crenças e valores, perpassados pelas emoções e sentimentos dos protagonistas. (2004, p. 14).

Após a transcrição das entrevistas, estas foram devolvidas aos sujeitos da pesquisa para que pudessem fazer as complementações e/ou alterações que considerassem pertinentes. Foi um momento em que o relato oral agora materializado no papel pode ser trabalhado e enriquecido pela análise do texto escrito que proporcionou a retomada de alguns pontos com maior detalhamento das questões. Ao rever sua trajetória formativa, o sujeito pode perceber no material escrito os percursos e ver-se nele. O sujeito estabelece um diálogo com as experiências vividas ao articular as idéias para serem colocadas no papel, o que de certa forma proporciona um espaço de autoformação no momento da organização do texto.

As experiências anteriores com a educação de adultos, bem como em outros níveis de ensino, e o desenvolvimento de projetos para organizações em diversos países contribuíram, segundo Fernando Leyton Soto, na formação, e para o exercício profissional no ensino superior.

Tu sabes que na verdade não tinha como meta, eu lecionei em todos os níveis, digamos para mim foi muito útil isso. Na educação de adultos, me encontrei depois com Paulo Freire que estava exilado no Chile. Trabalhei um pouco no Ministério e participei do grupo de rapazes em torno dele, era o ídolo. Ele fundou, mas eu estava acompanhando isso como guri, e surgiu nossa escolinha, também a continuação dessa escolinha depois virou escola noturna de adultos nesse programa que Paulo Freire montou, ele existiu no Chile no Ministério da Educação no Departamento de Educação de Adultos, foi ele que criou e esse processo eu acompanhei. Trabalhei realmente em todos os níveis, também em escolas secundárias já como estudante de Pedagogia. A escolha pelo ensino superior não está associada a um fator assim especial sabe, mas está associado a esta marca inicial que eu realmente escolhi ser (professor). Mas não posso me queixar, também inclusive nesse plano pessoal, das oportunidades que a educação tem me dado, inclusive as materiais, eu tenho tido a oportunidade de entrar e sair, que eu sei que não são comuns ainda e eu tenho tido isso. Algo assim específico que tenha me levado, na verdade eu continuo pensando mais do que nunca que provavelmente o nível que deveria ser muito mais bem remunerado é o nível dos professores que se preocupam com a primeira infância e antes, por tudo que a própria reflexão, que os próprios estudos tem me indicado, a base está aqui, mas eu sei que isso é utópico, que é massivo, mas acho que muitos dos problemas, da solução dos problemas que estão aí a vista e são digamos espantosos, a solução vem com sistema forte e colocar toda essa legião, que somos os professores, é um investimento, então esse seria realmente um nível a meu ver em retrospectiva. (FERNANDO LEYTON SOTO)

Na fala de Fernando Leyton Soto, percebe-se que a imagem do professor apresenta-se

abalada. Este coloca que o professor deveria ser um investimento, trazendo um imaginário de descontentamento com relação à importância dispensada para a categoria docente em todos os níveis educacionais.

Para Clovis Guterres, o professor universitário tem um compromisso que ultrapassa o espaço de sala de aula. A sua inserção na docência universitária, segundo ele, foi impulsionada pelas experiências pessoais, pelas inter-relações e também por ele discordar das formas de atuação docente. Afirma também que, em sua atuação docente sempre procura colocar o ser humano acima das estruturas.

O professor universitário não é apenas um professor no sentido profissional do termo, mas é alguém que defende posições políticas, posições sindicais, que luta pela própria classe onde trabalha, luta pela melhoria da condição do profissional propriamente dito, tanto sobre as condições de pesquisa, as condições de trabalho, todos os aspectos, inclusive as condições salariais. (...) Um fator que me levou a ser professor universitário? Um fator.... que talvez assim, de anti-professor, o fato de ser anti-professor. Acho que na verdade eu sempre rejeitei o formato do professor propriamente dito, a forma de relação do professor assim, tradicional com os alunos, o caráter disciplinar exagerado, o caráter de autoridade que determina as coisas. Então, acho que mais um caráter de inversão do que seria um professor no meu entendimento no caso. Sempre rejeitei, por exemplo, reprovar alunos de qualquer espécie, sempre procurei dar as maiores alternativas possíveis. Eu acho que quando a gente reprova um aluno, no fundo a gente se reprova a si mesmo. Então, por isso eu criei várias alternativas, as maiores possíveis no caso, a gente encontra situações gravíssimas no caso, mas sempre nesse sentido porque eu acho que a idéia de professor ultrapassa esses limites acadêmicos em que você acaba sacrificando as pessoas em função das estruturas, das burocracias e como na tese eu havia defendido que a pessoa está acima das estruturas, eu jamais, em momento nenhum, coloquei as estruturas sobre as pessoas. (CLOVIS GUTERRES)

Helenise Sangoi Antunes também afirma que a escolha pela docência no ensino superior foi motivada pelas interações com os formadores. Ela demonstra satisfação em trabalhar com a formação de professores. Ser professor universitário é

um grande privilégio, eu acho que todos nós deveríamos ter assim muito orgulho, eu particularmente tenho muito orgulho de ser professora universitária, gosto do que eu faço, me dedico com muito empenho, tento fazer o melhor de mim porque eu sei que eu sou um exemplo de formação então tudo, eu sempre falo para as alunas o professor universitário ele tem que fazer o máximo das suas possibilidades porque ele está formando uma nova geração, mostrar esperança, mostrar dedicação, mostrar comprometimento político, buscar a formação pedagógica sempre atualizada porque é de nossas mãos que vão sair outros professores e os erros que a gente comete eles só vão se multiplicar, mas os acertos também. É por isso que a gente deve buscar com muita satisfação, com muito boa vontade, me realizo, gosto de trabalhar com os alunos, me descobri também agora nessa parte mais administrativa que também eu gosto, mas sem deixar de forma alguma a aula na graduação, a aula na pós-graduação, a pesquisa, a escrita de artigos. Tudo isso eu acho que é um privilégio, gostaria que todos os nossos professores de todos os níveis pudessem ter as condições de trabalho e de oportunidade de crescimento que uma universidade oferece. (HELENISE SANGOI ANTUNES)

As possibilidades que a Universidade oferece para o desenvolvimento de pesquisas, e a relação com os professores, foram fatores que motivaram Helenise Sangoi Antunes para o exercício da docência no ensino superior.

O exemplo de grandes professores aqui do Centro, de pessoas que realmente marcaram a vida da gente pela forma afetuosa de ser com os alunos, da forma comprometida, eu comecei a perceber assim e principalmente a paixão pela pesquisa, acredito que em outros ambientes eu não teria, a vontade de pesquisar e de fazer extensão infelizmente somente na Universidade ainda. Essas condições de trabalho que a gente tem, não que eu esteja afirmando que a gente não possa fazer pesquisa no ensino fundamental, na educação infantil na educação de jovens e adultos, com certeza, mas as precárias condições de trabalho faz com que o professor trabalhe as vezes 40 ou 60 horas e que infelizmente ele não vai ter um horário para a pesquisa como nós temos aqui, apesar da gente ter uma carga horária elevada na graduação, na pós-graduação, ainda a gente tem condições de coordenar um grupo de pesquisa, de tu formar jovens pesquisadores, ah essa é uma grande paixão formar jovens pesquisadores, passar para eles essa vontade, esse desejo de ser professor. (HELENISE SANGOI ANTUNES)

A questão estrutural também tem influência na construção do ser professor. Na década de 70, a Universidade Federal de Santa Maria não era bem estruturada como atualmente. Iniciada em 1960, ainda estava em fase de implementação, a estrutura física era bem menor, a informática e a internet não eram realidade, não dispunha de bibliotecas com acervo bibliográfico variado, também característica de um período de ditadura que reprimia qualquer tentativa de reação às determinações do governo militar. O controle em relação ao acesso aos livros e as informações permitia ao governo manter o domínio sobre a sociedade. No relato dos sujeitos podem ser evidenciados alguns fatores desses períodos.

Eu vim para o Brasil no período que estava a ditadura aqui, em 71 eu cheguei, mas eu cheguei no Brasil pelo projeto da Organização dos Estados Americanos (OEA), que é projeto que o fundador da Universidade tinha realmente auspiciado quando a universidade estava meio, ainda não bem realmente consolidada, estava construindo os prédios, já estava decidido o homem, me refiro ao Mariano, já tinha conseguido essa luta ciclopes que ele dava, ele conseguiu então realmente trazer o curso para está Universidade nascente.(...) Que condições existiam de trabalho na década de 70? O que era disponibilizado para o trabalho mais pedagógico? Nós não tínhamos condições muito favoráveis. Os primeiros prédios não estavam muito bem construídos na parte material, mas este projeto era um pouco como uma ilha porque, claro, os olhos internacionais aqui³, e lógico nós somos iguais em todas as partes e nós gostamos de mostrar para os demais que fomos bem recebidos, então éramos privilegiados, mas ainda assim os recursos eram realmente escassos do ponto de vista material. O mais crítico desse ponto de vista eram realmente as bibliotecas, a informação. Nessa época, nós não tínhamos outra maneira de sair, nós não tínhamos esse aparelho que está aí (apontando o computador da sala) a internet que abre e

³ O sujeito faz referência ao projeto da Faculdade Interamericana de Educação.

democratiza a informação de uma maneira fantástica. A biblioteca central era toda a informação, havia recursos para comprar livros, mas também nisso se notava os signos do tempo, era também controlado os tipos de leituras, os tipos de livros, os tipos de bibliografia. Havia escassez, dentro dessa escassez também um condicionamento, a utilização dos livros, é um discurso mais oficial não são todos permitidos. Os recursos humanos não havia e nós tínhamos que importar, eu fazia parte dessa importação também, mas quando eu digo que nós tínhamos que importar era porque eu como a parte internacional tinha que ver a parte dos professores internacionais, claro que sempre com os donos da casa, então trazíamos professores brasileiros e também estrangeiros, tivemos grandes professores que passaram por aqui, autoridades no seu campo. O campo do curso era planejamento curricular, especialistas em planejamento curricular nessa época, nessa faculdade estamos falando particularmente e um pouco do mestrado na universidade. (FERNANDO LEYTON SOTO)

Na década de 80, a situação apresentava mudanças sócio-econômicas e culturais decorrentes, tanto do fim da ditadura, como alterações estruturais nas instituições educativas do país. Para Clovis Guterres,

há uma mudança tecnológica nas universidades, proporcionando mudanças bem significativas, formas novas. Naquela época não tinham os computadores, então tudo era feito a máquina de escrever, a minha tese de mestrado que eu defendi em 77 ela foi feita a máquina e rodada naqueles mimeógrafos a tinta não a álcool a tinta no caso, não e depois se mandava fazer a capa em separado. Era uma situação completamente diferente de hoje. (...) No que diz respeito às mudanças que ocorreram na carreira do magistério, elas são muitas, vamos chamar no caso, mas nós poderíamos retomar uma espécie de redefinição da própria universidade a partir da reforma de 68, houve a redefinição de rumos dentro ainda do período de ditadura. Não sei, tudo indica naquela época, no início de 70 os professores ganhavam mais profissionalmente no caso, mas foi uma retomada das universidades também e praticamente de uma década.

O relato da professora Helenise Sangoi Antunes, da geração docente universitária da década de 90, apresenta um discurso voltado para o avanço científico-tecnológico, com a modernização das estruturas físicas e também de acesso a informação escrita e digital. As mudanças na infra-estrutura e nos incentivos para pesquisa também são destacados por ela.

A gente sentia falta também desse engajamento mais político que muitas vezes o que eles diziam eles não cumpriam, mas isso também não deixava de eu ir lá com eles buscar a informação, não desprestigiava eles. O que a gente sentia falta naquela época era pesquisa, hoje o Centro de Educação é outro. Hoje, eu ficava pensando que bom se eu estivesse agora fazendo o curso de Pedagogia. Porque lá eu era uma pioneira, a gente tinha que ir atrás, ir lá professor tem um edital no CNPq vamos concorrer a esse edital, porque professor não sabia, era muito incipiente bolsa de iniciação a pesquisa, era muito incipiente grandes editais, o que era instituído era que esses editais financeiros eram para áreas tecnológicas, a educação jamais ia ganhar, por exemplo a gente tem aquele edital universal que concorre todas as áreas, isso CNPq não era voltado. O olhar do MEC não era voltado para a educação como está sendo voltado agora de uma forma mais democrático, de mais incentivo, de mais acesso, hoje existe uma política de incentivo a pesquisa e a extensão, mesmo

que não seja a ideal, mas por exemplo, todo o aluno que entra na Universidade de uma certa forma ele sabe que tem as bolsas de iniciação científica, tem as bolsas PRAE, tem as bolsas FIPE, tem a bolsa FIEIX. Então essa era a configuração, era um Centro com docentes que não percebiam o potencial de busca que eles tinham, tanto que muitos dos doutores daquela época não se envolviam com pesquisa, eles davam aula no mestrado e eles não tinham produtividade em pesquisa, a CAPES mudou muito nesses dez anos, a exigência do professor universitário mudou, não basta o professor auleiro, o da sala de aula, é o professor que da aula, compromisso com a graduação, compromisso com a pós-graduação, o envolvimento administrativo e com o envolvimento na pesquisa, então isso mudou muito aqui no CE/UFSM. (HELENISE SANGOI ANTUNES)

Pode-se observar que as mudanças nas condições de trabalho não acompanharam uma melhoria nas condições salariais. Nos relatos da década de 70, o direcionamento político era voltado para o professor, depositando nele a formação de recursos humanos para o aperfeiçoamento e avanço do país. Além disso, no decorrer dos anos 80 e 90, os investimentos foram mais em produtos e na construção de estruturas físicas visíveis, enquanto que os recursos humanos foram sendo desprestigiados, exigindo constantes lutas e movimentos para conseguir algo e não perder o que já havia sido conquistado.

Nas últimas décadas, no panorama das políticas públicas para os professores houve um desinvestimento em recursos humanos para um investimento em infra-estrutura com a expansão das unidades dos cursos de graduação e pós-graduação, inclusive o ensino à distância, não havendo uma contrapartida na mesma proporção para as políticas salariais, contratação de recursos humanos e de investimento em formação continuada de docentes. Os processos de mudança social e as significações que os professores e a sociedade construíram com relação à imagem do professor universitário contribuíram para a construção de um imaginário permeado de dúvidas e incertezas quanto ao papel desse formador.

Nas três trajetórias docentes pesquisadas há aspectos singulares que marcaram a escolha pela docência no ensino superior. Para Fernando Leyton Soto, a inserção na docência no ensino superior ocorreu através de uma bolsa de estudos, assim a bolsa o mantinha estudando e ele em contrapartida deveria lecionar nos cursos de graduação. Para Clovis Guterres, a escolha por ser professor universitário foi impulsionada por não concordar com a forma rígida e fechada que existiam nas relações entre os professores e os alunos e por rejeitar o formato tradicional de professor. Enquanto isso, para Helenise Sangoi Antunes foram às experiências positivas e a motivação que os professores formadores demonstravam no exercício docente, além do gosto pela pesquisa e pelo trabalho docente.

Dessa forma, tinha-se a imagem do professor, na década de 70, visto como quem iria trazer o progresso e, nas palavras de Fernando Leyton Soto, alguém que realizaria um

milagre. Já na década de 80, um período com lutas para a manutenção e melhoria do ensino superior público, a imagem do professor muda de um lugar de destaque para as mobilizações, buscando melhorias para a categoria e para o espaço educacional, além de manter direitos adquiridos. Na década de 90, pela representação trazida pelo Fernando Leyton Soto, a imagem do professor universitário “alicaída”, pode ser percebida também no relato dos sujeitos pesquisados em relação as políticas para essa categoria, tendo em vista as condições de trabalho e as exigências de produção por parte dos órgãos de fomento. Além disso, houve o não reconhecimento da sociedade, segundo Helenise Sangoi Antunes, do real papel que desempenham os docentes universitários e de sua importância nos processos formativos.

A pedagogia universitária ganha espaços de discussão que ultrapassam os espaços formais de ensino. Na sociedade de mudanças e de conflitos, desafios são colocados à formação docente e aos formadores de professores. São exigidas aulas dinâmicas, reflexivas e que possibilitem a formação de um profissional capaz de trabalhar com questões sociais complexas, que exercitem uma auto-formação em serviço, já que também foram formados em modelos de ensino tradicionais.

As interações entre gerações docentes, que vivenciaram e atuam em espaços educacionais, evidenciam as concepções construídas, as representações e os significados que a formação e os contextos sociais, culturais e históricos aludem ao ser professor e aos espaços de convivência. Nesse sentido, pode-se tecer uma rede de interações na busca do ser e do fazer docente que propicie a construção de saberes e a criação de significados, os quais busquem instituir um outro imaginário.

Não poderia deixar de destacar, o comprometimento ético no desenvolvimento da pesquisa, pela disponibilidade dos sujeitos em participar do processo investigativo e pelo consentimento para sua identificação na pesquisa. Acredito que esse fato pode ser a criação de um novo imaginário instituinte para a categoria docente, divulgando os saberes construídos e assumindo a construção de referenciais para o campo educacional a partir do relato dos próprios professores.

REIGOTA, Marcos; POSSAS, R.; RIBEIRO, A. (orgs). **Trajetórias e narrativas através da educação ambiental, Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 160 p.**

PIMENTA, Selma Garrido. (Org.) **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. 246 p.**

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 418 p.**

SZYMANSKI, Heloisa. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In: SZYMANSKI, Heloisa (org). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Liber Livro, 2004.**